

SAMUEL DE SOUSA



POESIA, 1972

cadernos

8

lavra & oficina

Estes são poemas de uma força contida,
prestes a explodir.

Poemas de um tempo (1972) de boca
cerrada. Não só para a eficácia da luta,
clandestina urbana ou de guerrilha da
mata. Em poesia também, boca cerrada.
Para que as imagens, os vocábulos se
encham dessa terrível energia do tempo
da violência: a legítima violência dos
signos e símbolos da nossa cultura
rasgando o tecido apodrecido de uma
linguagem prostituída pelo uso colonial-
fascista.

LUCIO LARA

SAMUEL DE SOUSA

POESIA, 1972

Lara

1979

CADERNOS

8

LAVRA & OFICINA

A

Luandino Vieira, António Cardoso, Arnaldo Santos e António Jacinto

Um dia
de novo
surgiu a vida
pela primeira vez
na terra de Angola
nos olhos das crianças das ruas

Quando então
os soldados nos fizeram
jurar de não voltar
para lá
para sempre

Quando então
nos obrigaram a abandonar
o país
de onde nós éramos

Quando então
nos obrigaram
a abandonar
o país
de onde nós éramos

ARQUIVO L. LARA

Os garotos
no areal
acácias rubras
palavras silenciosas
ninguém entende
os cristais de cacimbo
nos olhos das nascentes dos rios

ninguém entende
os esqueletos nas fronteiras
juncando os caminhos
descalços
percorrendo as ruas das sanzalas

ninguém entende
nas corolas das sombras
a cópula
dos ventres da mahamba

garotos
acácias rubras
palavras

e nas corolas
corpos púberes
mahamba

Na memória do sol
olhos
olhos
comitivas de bantos
cais
barcos
bantos ao sol
cais ao sol

na memória do sol
olhos
nas pontas das árvores
olhos
bantos
olhos
sol
no diálogo com o vento

bantos
olhos
sol
vento

e mais adiante
galope da cavalgada
batucada
cavando o campo
moendo açúcar
bebendo aguardente

bantos
sol
vento
algoadoais
açúcar
aguardente

III

O anúncio foi lançado
nos caminhos brancos de cacimbo
flutuam corpos de dançarinos

borboletas embandeiradas de arco-íris
abelhas erguendo a sua lança
rumo à lua
vestidas de sol

pés nús
das abelhas no fofó dos algodoais das nuvens
lanças ensanguentadas
erguidas rumbo à lua
abelhas mordendo a palavra nua

só as gazelas
na relva do campo
enchem a manhã
com os seus sexos

IV

1.

Vamos fabricar poemas
com os diamantes
da nossa lavra

vamos tapetar os caminhos das nossas ruas
com os nossos diamantes
fabricados com poemas

mesmo com os punhos decepados
com os sexos decepados

2.

três tiros
e o sabor da pólvora
e o sabor das vísceras dos crocodilos
e o sabor dos partos prematuros
e o sabor dos orgasmos Incompletos

3.

Com os corpos baleados
e frente às balas
plasmar a nova dimensão
dos nossos diamantes.

v

Agora que o brinquedo se desfez
em destroços
esmagados pelo vento nas folhagens
sinto nos teus lábios
a fonte seca
e a gargalhada das kitumbas.

VI

No suor da terra
o apelo do teu rosto
na paisagem longínqua

o apelo
o nosso apelo
fecundando os sexos
sequiosos
das árvores sem vísceras
cheias de sol

VII

Luanda à noite
estrelas arranhando a pele
com a luz líquida das muralhas
estrelas fendendo a pele
com o açúcar dos amores

risos de diamantes nas sombras
de mulheres apavoradas
com os sexos nas mãos

Luanda à noite
espreitam pirâmides
luas
relógios
sacodem o manto
anunciando o amor

Corpos rolam no verde
dos campos

e na sanzala
os galos cantam
a madrugada

E ela chegou
vestida
com o rubro da lukula
com o seu sorriso
sol
sol
sol

e com os braços de sol
e com os olhos de sol
e com a alma de sol
entregou o filho à Lemba

mulemba em sol
a terra em sol
nos cristais de cacimbo
sol
sol
sol

No areal
o rosto de diamantes
esculpido da kituta

corpo truncado
chamas das queimadas

nos olhos as nuvens
marcas de tatuagens
vibrantes
convulsivas
florindo nas acácias rubras
dissolvidas

ruínas
e sobre as ruínas
as cicatrizes das baionetas
nos dedos da madrugada

XI

O sol tremendamente africano
risca caminhos de sangue sobre a sanzala

na minha sanzala o sol tremendamente africano
enche as cabaças com o silêncio dos imbondeiros

e semelhante ao sol o tapete verde enche os peitos
nas liturgias da puberdade com os sexos cheios de
[futuro

na minha sanzala o sol arde
enche os sexos
com apelos de amor

Duque de Bragança
noite de jingas
nas asas das libélulas
desfeitas na água

os crocodilos
rindo dos peixes
os peixes rindo-se das pedras
as pedras rindo-se das árvores
as árvores oferecendo a sua sombra
na noite
desfeita na água
asas de libélulas
o som das marimbas
anunciando o dia

XIII

No Xauane
Madalena corpo de terra negra
raízes
dos caminhos do Zenza

Mulheres do Xauane
suando
com os filhos ao colo

No Xauane
Madalena
virgens de olhos doces
seios e
coxas
sol
Madalena
no Xauane

esperando por mim
na noite de pecado

XIV

Noite de espantos
nos estilhaços de luz

na mulemba
tentáculos de amor
nos nossos corpos
abertos

na mulemba
dedos de luz nos sons de marimba
a voz de uanga
anunciando a hora

O homem do dongo cortando o mar
com a mensagem sagrada dos antepassados

caminhos de vento
no mar

a mensagem desflorada pelo sol rubro
ventre repleto enchendo de desejos
os peixes amarelos

1185

(R)

POESIA, 1972

autor

Samuel de Sousa

coleção

Cadernos Lavinha & Oficina

capa

U. E. A.

composição e impressão

Lito-Tipo, Lda.

edição

1.ª/Dezembro, 1978

tiragem

10 000 exemplares

editora

União dos Escritores Angolanos

Caixa Postal 2767 - Luanda

República Popular de Angola

cadernos lavra & oficina

1 — 11 POEMAS EM NOVEMBRO

Manuel Rui
poesia

2 — O CADERNO DOS HERÓIS

Costa Andrade
poesia

3 — A CORDA

Papetela
teatro

4 — 11 POEMAS EM NOVEMBRO (ano dois)

Manuel Rui
poesia

5 — SOBRE A LITERATURA

Agostinho Neto
ensaio

6 — POESIA

Saydi Mingas
poesia

7 — PIÓ

Rui Buéti
poesia

8 — POESIA, 1972

Samuel de Sousa
poesia



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

01185